

SERÁ QUE DE FATO É POSSÍVEL AMAR
ALGUÉM À PRIMEIRA VISTA?

Mais de 100 milhões de livros vendidos

NICHOLAS SPARKS

À PRIMEIRA VISTA





O ARQUEIRO

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Prólogo

Fevereiro de 2005

Será que de fato é possível amar alguém à primeira vista?

Sentado na sala de estar, ele se fez de novo a pergunta. Devia ser a centésima vez. Do lado de fora, o sol de inverno tinha se posto havia muito tempo. Pela janela entrava apenas o reflexo do nevoeiro cinzento, e, com exceção das batidas suaves de um galho de árvore contra o vidro, tudo estava quieto. Mas ele não estava sozinho, e logo se levantou do sofá e atravessou o corredor, querendo dar uma olhada nela. Enquanto a observava, pensou em deitar-se ao seu lado e fechar um pouco os olhos. Bem que precisava de um descanso, mas não queria se arriscar a pegar no sono e perder a hora. Ele a viu se mexer levemente, e então deixou que a mente divagasse, levada pelas lembranças do passado. Mais uma vez pensou nos caminhos que os uniram. Quem era ele naqueles tempos? E quem era hoje? Analisando superficialmente parecia que responder a essas questões era algo fácil. Ele se chamava Jeremy, tinha 42 anos, era filho de pai irlandês e de mãe italiana e trabalhava escrevendo artigos para revistas. Essas seriam as respostas que daria, se quisessem saber sobre ele. Embora fossem informações verdadeiras, muitas vezes Jeremy se questionava se deveria acrescentar algo. Deveria, por exemplo, mencionar que, cinco anos atrás, viajara até a Carolina do Norte para investigar um mistério? Que lá se apaixonara, e não uma, mas duas vezes? Ou que a beleza das lembranças daquela época estava permeada de tristeza, e, mesmo agora, ele não tinha certeza de qual dos sentimentos iria perdurar?

Afastou-se da porta do quarto e voltou para a sala. Embora não se permitisse ficar preso aos acontecimentos do passado, também não evitava pensar neles. Não podia apagar aquele capítulo da vida, assim como não seria possível alterar o dia de seu aniversário. Apesar de às vezes desejar

voltar o relógio do tempo e apagar todas as tristezas, sentia que, se o fizesse, a alegria também diminuiria. E essa era uma hipótese que ele se negava a considerar.

Com frequência, era nas horas mais escuras da madrugada que se lembrava da noite em que fora com Lexie ao cemitério, quando vira as luzes fantasmagóricas que viajara de Nova York especialmente para investigar. Naquele momento ele se deu conta, pela primeira vez, de quanto Lexie era importante para ele. Enquanto esperavam juntos, na escuridão do cemitério, ela lhe contou sobre sua vida e lhe explicou que tinha ficado órfã ainda criança. Jeremy já tinha conhecimento disso, mas não sabia que ela começara a ter pesadelos alguns anos depois de perder o pai e a mãe. Eram sonhos terríveis e recorrentes, nos quais presenciava a morte dos dois. Sem saber o que mais podia fazer, sua avó, Doris, resolveu levá-la ao cemitério e mostrar à neta as luzes misteriosas. Aos olhos de uma criança ainda muito pequena, as luzes eram miraculosas, celestiais, e Lexie logo imaginou que fossem a alma de seus pais. De certa forma, ela precisava acreditar naquilo, e os pesadelos nunca mais a atormentaram.

Jeremy se sentiu emocionado com a história que ela lhe contara, comovido pela perda de Lexie e pelo poder das crenças inocentes e puras. Entretanto, mais tarde naquela mesma noite, depois de ver as luzes por si mesmo, ele quis saber o que ela achava que fossem de fato. Lexie se inclinou para perto dele e sussurrou:

– Eram meus pais. Provavelmente queriam conhecê-lo.

E então ele soube que queria tê-la em seus braços. Para Jeremy, aquele instante preciso ficou assinalado como o início de seu amor por Lexie. E ele nunca mais deixaria de amá-la.

Lá fora, o vento típico de fevereiro retomava sua força. Nada era visível além da escuridão sombria. Suspirando, cansado, ele se deitou no sofá, sentindo o peso daqueles anos puxando-o de volta ao passado. Ele poderia ter se esforçado para se livrar daquelas imagens, mas olhou fixamente para o teto e deixou que elas viessem. Ele sempre permitia que voltassem.

1

Cinco anos antes

Nova York, 2000

– **E**stá vendo? É simples – começou Alvin. – Primeiro você conhece uma garota bacana e namoram por algum tempo, até terem certeza de que partilham os mesmos valores. Observam se são compatíveis nos pontos essenciais e nas decisões do dia a dia, e depois verificam se compartilham o pensamento do tipo “esta é a nossa vida e estamos juntos nela”. Quero dizer, vocês devem conversar sobre qual das famílias irão visitar nos feriados, se querem morar em casa ou em apartamento, se terão um cachorro ou um gato, quem será o primeiro a tomar banho de manhã. Então, se ambos ainda estiverem de acordo, *aí, sim*, se casam. Está acompanhando meu raciocínio?

– Estou – respondeu Jeremy.

Jeremy Marsh e Alvin Bernstein estavam no apartamento de Jeremy, no Upper West Side, numa fria tarde de sábado, em fevereiro. Fazia horas que empacotavam coisas e havia caixas espalhadas por toda parte. Algumas já estavam cheias e tinham sido empilhadas perto da porta, já prontas, à espera do caminhão de mudança. Outras estavam em diferentes estágios de conclusão. De modo geral, parecia que um demônio-da-tasmânia tinha entrado ali, feito a festa e saído depois de não encontrar mais nada que pudesse destruir. Jeremy não podia acreditar na quantidade de inutilidades que tinha acumulado com o passar dos anos, fato que sua noiva, Lexie Darnell, passara a manhã inteira comentando. Vinte minutos antes, demonstrando estar completamente frustrada, ela saíra para almoçar com a mãe de Jeremy, deixando os dois homens a sós pela primeira vez.

– Então, se está acompanhando meu raciocínio, o que você pensa que está fazendo? – provocou Alvin.

– Exatamente o que você disse.

– Não, de jeito nenhum. Você está mudando a ordem dos acontecimentos. Vai dar o grande passo e dizer o “sim” antes mesmo de saber se vocês são os parceiros certos um para o outro. Você mal conhece a Lexie.

Jeremy despejou o conteúdo de mais uma gaveta de roupas em uma caixa, desejando que Alvin mudasse o assunto.

– Eu conheço a Lexie.

Alvin começou a recolher e a amontoar alguns papéis que havia sobre a escrivaninha e os colocou na mesma caixa que Jeremy estava enchendo. Como melhor amigo do noivo, ele se sentia à vontade para dizer o que pensava.

– Só quero ser honesto, e você deveria saber que estou falando o que todos da sua família têm pensado nessas últimas semanas. O fato é que você não a conhece o suficiente que justifique se mudar para lá, muito menos se casar com ela. Vocês só passaram uma semana juntos. Não é como a sua história com a Maria – acrescentou, referindo-se à ex-mulher de Jeremy. – E lembre-se de que eu também conheci a Maria. Se compararmos, eu a conhecia bem melhor do que você conhece a Lexie, mas, ainda assim, nunca me senti íntimo nem próximo dela o bastante para que assumíssemos um compromisso de casamento.

Jeremy pegou as folhas de papel que Alvin colocara na caixa e a pôs de volta sobre a mesa, recordando que de fato o amigo conhecera Maria antes dele e que continuava a manter com ela uma relação de amizade.

– E daí?

– Como assim, e daí? E se fosse eu que estivesse fazendo uma coisa dessas? E se eu chegasse, do nada, e lhe dissesse que tinha conhecido uma mulher fantástica e que, por isso, estava abrindo mão de minha carreira, abandonando meus amigos e minha família e me mudando para o Sul, só para me casar com ela? Se fosse uma garota como aquela que eu conheci... qual era mesmo o nome dela... Rachel?

Rachel trabalhava no restaurante da avó de Lexie, e Alvin se impressionara com ela durante uma visita breve que fizera a Boone Creek. Ele até mesmo a tinha convidado para ir a Nova York.

– Eu ficaria feliz por você. E lhe diria isso.

– Ah, não diga! Já se esqueceu do que você me disse quando eu pensei em me casar com a Eva?

– Não me esqueci, não. Aliás, eu me lembro muito bem. Mas meu caso com a Lexie é diferente.

– Ah, é? Entendi. Porque você é mais maduro que eu.

– Por isso e também pelo fato de que a Eva não era exatamente o tipo de mulher com quem um homem sonhe em se casar.

Isso era verdade, Alvin podia admitir. Enquanto Lexie era bibliotecária em uma pequena cidade rural do Sul do país, uma pessoa com vontade de formar uma família, Eva era uma tatuadora da cidade de Jersey. Tinha sido a responsável pela maior parte das tatuagens nos braços de Alvin, além de ter colocado os piercings nas orelhas dele, o que o fazia parecer um criminoso que acabara de sair da prisão. Mas nada disso o tinha perturbado. A causa do fim do relacionamento fora o namorado com quem Eva morava, e que ela, simplesmente, tinha se esquecido de mencionar.

– Até Maria acha que você está fazendo uma loucura.

– Você contou a ela sobre meu casamento?

– Claro que contei. Nós conversamos sobre tudo.

– Fico feliz por você ser tão próximo de minha ex-mulher. Mas ela não tem de se meter nisso. Nem você.

– Só estou tentando enfiar algum juízo nessa sua cabeça. Isso está acontecendo depressa demais. Você não conhece a Lexie.

– Por que você está sempre repetindo isso?

– E vou continuar repetindo, até você reconhecer que, basicamente, vocês são dois estranhos.

Alvin, assim como os cinco irmãos mais velhos de Jeremy, nunca conseguiu aprender a hora de mudar de assunto. *Ele é como um cachorro que não quer largar o osso*, pensou Jeremy.

– Ela não é nenhuma estranha, Alvin.

– Não? Então me diga qual é o primeiro sobrenome dela.

– O quê?

– Você me ouviu, cara. Qual é o primeiro sobrenome da Lexie?

– Por que isso, agora? O que isso tem a ver com o que a gente está discutindo? – perguntou Jeremy, piscando.

– Nenhuma. Mas, se você vai se casar com ela, não acha que deveria saber a resposta à minha pergunta?

Instintivamente, Jeremy abriu a boca para falar, mas percebeu que não sabia a resposta. Lexie nunca lhe dissera seu primeiro sobrenome, e ele também nunca perguntara.

Ao se dar conta de que, finalmente, estava conseguindo se comunicar com o amigo, que agora dava sinais de estar um pouco confuso e inseguro, Alvin decidiu pressioná-lo ainda mais.

– Muito bem, e que tal essas informações básicas: em que ela é formada? Quem eram os amigos dela na faculdade? Qual a cor favorita da Lexie? Ela prefere pão branco ou integral? Qual é seu filme predileto? E o programa de TV? De qual escritor ela gosta mais? Você ao menos sabe quantos anos ela tem?

– Trinta e poucos – arriscou Jeremy.

– Trinta e poucos? Eu mesmo poderia ter dado essa resposta.

– Estou quase certo de que ela tem 31 anos.

– Quase certo? Você tem noção de quanto isso soa ridículo? Você não pode se casar com uma mulher e não saber nem mesmo a idade dela.

Jeremy abriu mais uma gaveta e a esvaziou dentro de outra caixa. Sabia que Alvin tinha certa razão, mas não queria admitir isso. Então, respirou fundo antes de dizer:

– Pensei que você estivesse feliz por eu ter encontrado alguém.

– É claro que estou feliz. Mas não imaginava que você fosse realmente se casar com ela e se mudar de Nova York. Pensei que estivesse brincando quando disse isso. Você sabe que a considero uma boa garota. Ela é bacana, de verdade, e se vocês ainda estiverem apaixonados assim daqui a um ou dois anos, eu mesmo farei questão de arrastá-lo para a igreja. Mas você está se precipitando, e não há razão para isso.

Jeremy se virou em direção à janela e ficou observando os tijolos cinza, cobertos de fuligem, que emolduravam as janelas retangulares do prédio vizinho. Algumas imagens sombreadas passavam, ligeiras, diante de seus olhos: uma mulher que falava ao telefone; um homem que seguia para o banheiro enrolado em uma toalha; uma mulher que passava roupa enquanto assistia à televisão. Ele percebeu que, durante todo o tempo em que vivera ali, nunca dirigira a qualquer um deles mais que um “olá”.

– Ela está grávida – disse Jeremy, por fim.

Por um instante, Alvin achou que não tivesse ouvido bem. Foi só quando viu a expressão no rosto do amigo que reparou que ele não estava brincando.

– Ela está grávida?

– É uma menina.

Alvin caiu estatelado sobre a cama, como se suas pernas de repente tivessem perdido completamente as forças.

– Por que não me contou antes?

Jeremy deu de ombros.

– Ela me pediu que não contasse a ninguém, por enquanto. Então, por favor, prometa que não vai sair espalhando a notícia por aí. Posso confiar em você?

– Claro – respondeu Alvin, aturdido. – É claro que sim.

– E tem mais uma coisa.

Alvin levantou o olhar quando Jeremy pôs a mão em seu ombro, pedindo:

– Quero que você seja meu padrinho.



Como tudo tinha acontecido?

No dia seguinte, enquanto passeava com Lexie, que vasculhava uma loja de brinquedos, Jeremy tentava responder a essa pergunta. E ainda tinha dificuldade de fazê-lo. Claro que não no que dizia respeito à gravidez, que acontecera em uma noite da qual ele provavelmente se lembraria por toda a vida. Mas, apesar de ter se mostrado valente diante do amigo, muitas vezes tinha a sensação de que estava representando um papel em uma comédia romântica daquelas bem água com açúcar, do tipo em que tudo é possível e nada nunca dá certo até que os créditos finais apareçam na tela.

Afinal de contas, o que ocorreu a ele não foi algo comum, corriqueiro. Na verdade, foi um acontecimento dos mais raros. Que pessoa viaja a uma pequena cidade com o objetivo de escrever um artigo para a revista *Scientific American*, conhece uma bibliotecária e se apaixona perdidamente em pouquíssimos dias? Quem decide deixar para trás a vida em Nova York e a chance de trabalhar nos programas matinais da televisão para mudar-se para Boone Creek, na Carolina do Norte, uma cidade que não é mais que um ponto microscópico perdido no mapa?

Tantas perguntas nos últimos dias...

Não que ele se sentisse em dúvida sobre o que estava prestes a fazer. Na realidade, ao observar Lexie remexer as pilhas de brinquedos – ela queria fazer uma surpresa aos vários sobrinhos de Jeremy, levando-lhes presentes, na esperança de causar uma boa impressão –, ele teve mais certeza que

nunca da decisão que tinha tomado. Ele sorriu, já imaginando o tipo de vida que o esperava: jantares tranquilos, caminhadas românticas, carinhos e abraços na frente da televisão. Coisas boas, dessas que fazem a vida valer a pena. Ele não era ingênuo a ponto de acreditar que eles nunca discutiriam nem ficariam zangados um com o outro, mas tinha certeza de que navegariam com sucesso pelas águas turbulentas, sempre percebendo, no final, que formavam um par perfeito. Na maior parte do tempo, a vida seria maravilhosa.

Mas quando Lexie esbarrou nele ao passar, concentrada nos brinquedos, Jeremy ficou observando um casal que tinha parado perto de uma prateleira de bichinhos de pelúcia. Era impossível não notar aqueles dois: pareciam ter trinta e poucos anos e estavam impecavelmente vestidos. Ele tinha uma aparência de dono de banco de investimentos ou advogado, enquanto ela dava a impressão de ser uma mulher que passava o dia inteiro fazendo compras. Ambos carregavam sacolas de meia dúzia de lojas diferentes. O diamante que ela usava no dedo era do tamanho de uma bola de gude – muito maior que o anel de noivado que Jeremy tinha acabado de comprar para Lexie. Enquanto os observava, ele não teve dúvidas de que o casal costumava levar uma babá quando saía às compras, porque eles demonstravam estar completamente desorientados, sem saber como agir.

No carrinho, o bebê gritava sem parar, aquele tipo de choro agudo e penetrante, capaz de estourar vidraças. E chamava a atenção de todos os que estavam na loja. Exatamente ao mesmo tempo, o irmão mais velho – que devia ter uns 4 ou 5 anos – gritava ainda mais alto que a menina e, de repente, se jogou no chão. Os pais tinham aquela expressão de pânico e sobressalto típica de soldados sob fogo cruzado e era impossível não notar suas olheiras e palidez. Apesar da fachada impecável, não conseguiam esconder que estavam no limite da paciência. A mãe, finalmente, tirou o bebê do carrinho e o segurou no colo. O pai se inclinou na direção da esposa, para dar palmadinhas nas costas do bebê.

– Não está vendo que estou tentando acalmá-la? – esbravejou a mãe. – Entenda-se com o Elliot.

Constrangido, o homem se abaixou para falar com o garoto, que não parava de chutar e esmurrar o chão, tirando a mãe do sério com toda aquela birra.

– Pare de gritar agora mesmo – ordenou o pai com firmeza, balançando o dedo indicador em sinal de ameaça.

Ah, sei... Como se isso fosse resolver a situação!, pensou Jeremy.

Enquanto isso, Elliot começou a ficar roxo à medida que se contorcia no chão.

Nesse ponto, até Lexie parou de olhar os brinquedos e se virou para observar a cena. *Era como olhar uma mulher cortar a grama usando biquíni: um espetáculo impossível de ignorar*, pensou Jeremy. A neném gritava, Elliot gritava, a mulher gritava, querendo que o marido tomasse alguma atitude, e o homem gritava de volta, dizendo que estava tentando.

Uma pequena multidão se juntou ao redor da “família feliz”. As mulheres pareciam observá-los com um misto de emoções. Sentiam-se gratas pelo fato de aquilo não estar acontecendo a elas, mas sabiam – era muito provável que por experiência própria – exatamente como o jovem casal estava se sentindo. Os homens, por sua vez, pareciam não querer nada além de se distanciar o máximo possível de todo aquele barulho.

Elliot bateu a cabeça no chão e começou a chorar anda mais alto.

– Vamos logo embora daqui – exigiu a mãe, impaciente e ríspida.

– Você ainda não percebeu que é isso que estou tentando fazer? – retrucou o pai, enfurecido.

– Pegue-o no colo.

– Estou tentando – gritou ele, exasperado.

Elliot não estava propenso a ajudar o pai. Quando, finalmente, foi agarrado, começou a se agitar como se fosse uma cobra raivosa. A cabeça balançava de um lado para o outro e as pernas não paravam de se mexer nem um instante. Quanto ao pai, gotas de suor começaram a se formar em sua testa e ele fazia caretas, devido ao grande esforço. Por sua vez, Elliot parecia ficar maior, como se fosse um pequeno Hulk que se expandia de raiva.

De alguma maneira, os pais conseguiram se movimentar, recurvados devido ao peso das sacolas, empurrando o carrinho e lidando com as duas crianças. A multidão se dividiu, como quando Moisés se aproximou do mar Vermelho, e a família enfim foi embora, até desaparecer de vista: os gritos, que iam ficando mais e mais longínquos, eram agora a única prova de sua passagem por ali.

A aglomeração de espectadores começou a se dispersar, mas Jeremy e Lexie permaneceram imóveis, completamente sem ação.

– Coitados! – exclamou Jeremy, imaginando se aquela seria a vida que teria dali a alguns anos.

– Nem me fale! – concordou Lexie, e parecia que ela compartilhava os temores do noivo.

Jeremy continuou a olhar para o nada, vidrado, até que os últimos gritos desapareceram por completo. A família já devia estar fora da loja.

– Nossos filhos nunca farão uma birra dessas – anunciou ele.

– Nunca. – Conscientemente ou não, Lexie colocou a mão sobre a barriga. – Aquilo não foi nem um pouco normal.

– E parecia que os pais não tinham a mínima ideia do que estavam fazendo – comentou Jeremy. – Você viu quando ele tentou conversar com o garoto? Foi como se estivesse em uma reunião de negócios, falando com diretores de uma empresa.

– Ridículo mesmo. E a maneira agressiva como falavam um com o outro? As crianças percebem quando há tensão entre os pais. Não me admira que não tenham conseguido controlá-las.

– Eles estavam atordoados, como se não soubessem o que fazer.

– Acho que não sabiam mesmo.

– Mas como poderiam não saber?

– Talvez estejam ocupados demais com a própria vida e não dediquem tempo aos filhos.

Jeremy, ainda paralisado, notou quando a última pessoa que estivera presente àquela cena foi embora.

– Definitivamente, aquilo não foi normal – repetiu ele.

– Era exatamente isso que eu estava pensando.



Está certo, é verdade: eles estavam se enganando. Lá no fundo, Jeremy sabia disso, e Lexie também, mas era mais fácil fingir que acreditavam que nunca se veriam diante de uma situação como aquela que tinham acabado de presenciar. Quando chegasse a hora, estariam mais bem-preparados. Seriam mais dedicados, gentis e pacientes. Mais amorosos, enfim.

E a filha... ora, ela crescerá e florescerá no ambiente saudável que ele e Lexie iriam criar. Disso ele não tinha dúvidas. Ela dormiria a noite inteira desde bebê. Assim que crescesse um pouco, encantaria todos com as primeiras palavras, que aprenderia cedo, e as habilidades motoras acima da média. Atravessaria com desenvoltura os campos minados da adolescên-

cia, ficaria longe das drogas e desaprovava os filmes não indicados à sua idade. Na época de sair de casa para ir à faculdade, seria uma moça instruída e de boas maneiras, com notas suficientemente altas para ser aceita em Harvard e fazer parte da equipe de natação. E ainda encontraria tempo, durante as férias, para realizar trabalho social voluntário.

Jeremy se apegou a essa fantasia até sentir que ela pesava em seus ombros. Apesar de não ter nenhuma experiência como pai, sabia que não seria assim tão fácil. Além disso, estava se deixando levar pela imagina o, entregue a devaneios.

Uma hora depois, estavam em um táxi, presos no trânsito, a caminho do Queens, onde os pais de Jeremy moravam. Lexie folheava um livro que tinha acabado de comprar, chamado *O que esperar quando você está esperando*, e ele observava o mundo que se estendia além da janela. Seria a última noite dos dois em Nova York – ele iria apresentar a noiva   família – e seus pais tinham planejado uma pequena reunião. Pequena, é claro, era um termo relativo: com seus cinco irmãos e as respectivas esposas, mais seus dezenove sobrinhos e sobrinhas, a casa estaria cheia, como de costume. Embora estivesse ansioso por encontrar todos e desejando chegar logo, ele não conseguia parar de pensar no casal da loja. Os dois pareciam tão... normais. Tirando o esgotamento que demonstravam, é claro. Jeremy ficou imaginando se ele e Lexie têm acabariam daquele jeito ou se, de alguma forma, seriam poupados.

Talvez Alvin estivesse certo. Ao menos em parte. Embora adorasse Lexie – e tinha certeza de que a adorava, caso contrário não a teria pedido em casamento –, ele não podia afirmar que realmente a conhecesse. Não houve tempo para isso, e, quanto mais ele refletia sobre a questão, mais acreditava que teria sido bom para ambos se eles tivessem tido a chance, mesmo que pequena, de ser um casal comum. Ele já fora casado e sabia que havia um período de adapta o até que dois indivíduos aprendessem a viver sob o mesmo teto. É preciso dar tempo para que cada um se acostume às peculiaridades do outro, por assim dizer. Todos têm as suas manias, mas elas tendem a ficar escondidas até que de fato se conheça o outro. Ele se perguntava quais seriam as particularidades de Lexie. E se ela dormisse com uma daquelas máscaras verdes usadas para evitar rugas? Será que ele se sentiria verdadeiramente feliz se desse de cara com aquilo todas as manhãs?

– Em que você está pensando? – perguntou Lexie.

– Há?

– Perguntei em que você estava pensando. Você está com uma expressão engraçada.

– Ah! Não é nada.

– Um nada importante ou um nada nada? – perguntou ela, encarando-o. Jeremy se virou para ela e perguntou, arqueando as sobrancelhas:

– Qual é seu primeiro sobrenome?



Nos minutos seguintes, Jeremy lhe fez as perguntas propostas por Alvin e ficou sabendo que o primeiro sobrenome de Lexi era Marin, ela se formara em inglês, sua melhor amiga na faculdade se chamava Susan e sua cor favorita era o roxo. Ela preferia pão integral, gostava de assistir ao programa *Minha casa, sua casa*, achava Jane Austen fantástica e, de fato, faria 32 anos no dia 13 de setembro.

Então, era isso.

Satisfeito, ele se recostou no banco, enquanto Lexie continuava a folhear o livro. Como ele podia ver que ela não o estava lendo de fato, imaginou que estivesse apenas passando os olhos aqui e ali, na esperança de encontrar uma parte que atraísse sua atenção para o início da leitura. Ele se perguntou se na época da faculdade ela também fazia isso sempre que precisava estudar.

Realmente, como Alvin tinha sugerido, havia bastante coisa sobre Lexie que ele não sabia. Mas havia também muitas e muitas coisas que ele sabia: filha única, ela foi criada em Boone Creek, na Carolina do Norte. Os pais morreram em um acidente de carro quando ela era jovem e foram os avós maternos que a criaram, Doris e... e... (Ele decidiu que deveria perguntar mais sobre isso...) Bem, mas ele sabia, também, que ela foi para a Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, que se apaixonou por um sujeito chamado Avery e que morou em Nova York durante um ano, quando fez estágio na biblioteca da Universidade de Nova York. Avery a traiu e ela voltou para casa e se tornou bibliotecária-chefe em Boone Creek, como a mãe tinha sido, antes de morrer. Algum tempo depois, ela se apaixonou por um sujeito a quem se referia vagamente como Sr. Renaissance, mas ele deixou a cidade sem nem olhar para trás. Desde então, Lexie tinha levado uma vida tranquila, saindo de vez em quando com o inspetor de polícia

local, até que Jeremy apareceu. E, ah, é claro! Doris – que era dona de um restaurante em Boone Creek, o Alecrim – dizia que possuía poderes mediúnicos, inclusive a capacidade de prever o sexo dos bebês, o que explicava por que Lexie tinha certeza de estar esperando uma menina.

Jeremy tinha de admitir que esses detalhes da vida de sua noiva todas as pessoas de Boone Creek também sabiam. Mas será que elas sabiam que Lexie colocava os cabelos atrás das orelhas quando estava nervosa? Que era uma excelente cozinheira? Que, quando precisava descansar, gostava de ir a um pequeno chalé próximo ao farol do cabo de Hatteras, onde seus pais tinham se casado? Que, além de ser inteligente e linda, com seus olhos cor de violeta, o rosto oval ligeiramente exótico e os cabelos negros, tinha resistido às suas primeiras e desajeitadas tentativas de levá-la para a cama? Jeremy adorava o fato de ela não deixar que ele saísse impune de nenhuma situação, de sempre dizer o que estava pensando e de nunca dar o braço a torcer quando achava que ele estava errado. De alguma maneira, Lexie conseguia fazer tudo isso com encanto e feminilidade, ainda mais destacados por seu sotaque do Sul. Acrescentem-se à lista os fatos de que ela ficava absolutamente deslumbrante com calça jeans justa e de que Jeremy tinha ficado completamente apaixonado por ela.

E quanto a ele? O que ela poderia dizer sobre ele? As coisas básicas, ele concluiu. Que cresceu no Queens, era o mais novo dos seis filhos de uma família ítalo-irlandesa. Que pensou em ser professor de matemática, mas percebeu que tinha jeito para escrever e acabou se tornando colunista da *Scientific American*, especializado em desmascarar fenômenos considerados sobrenaturais. Que anos antes tinha sido casado com uma mulher chamada Maria, que o deixou quando descobriu que Jeremy não poderia ser pai, após várias idas do casal a uma clínica de tratamento da infertilidade. Que, depois disso, ele passou vários anos frequentando bares e namorando incontáveis mulheres, evitando relacionamentos sérios, como se inconscientemente achasse que não poderia ser um bom marido. Que, aos 37 anos, viajou até Boone Creek para investigar as luzes fantasmagóricas que apareciam regularmente no cemitério local, com esperança de se tornar comentarista convidado do *Bom dia, América!*, um programa de enorme audiência nos Estados Unidos.

Em vez de se dedicar totalmente ao trabalho, porém, Jeremy descobriu que, durante a maior parte do tempo, só conseguia pensar em Lexie. Eles

tinham passado juntos quatro dias maravilhosos, que terminaram com uma discussão acalorada, e, embora ele tivesse voltado para Nova York, percebeu que não conseguia mais imaginar a vida sem ela, então retornou a Boone Creek para lhe provar isso. Em resposta, ela colocara a mão dele sobre sua barriga e ele, de homem cético e pragmático, passou finalmente a ser um crente fervoroso – ao menos no que dizia respeito ao milagre da gravidez e da chance de ser pai, algo que jamais sonhara ser possível.

Jeremy sorriu, pensando que aquela era uma bela história. Talvez boa o bastante para virar um romance.

O ponto principal era que, por mais que tivesse tentado resistir aos encantos de Jeremy, ela também tinha se apaixonado. Olhando para ela, ele se perguntou por quê. Não que se considerasse repulsivo, mas o que será que levava duas pessoas a ficar juntas? Ele já tinha escrito várias colunas sobre a lei da atração e poderia debater sobre o papel dos feromônios, da dopamina e dos instintos biológicos, mas nada disso chegava perto de explicar a maneira como ele se sentiu em relação à Lexie. Ou como ela se sentiu em relação a ele, possivelmente. Não havia nenhuma explicação para isso. Tudo o que ele sabia era que os dois se encaixavam com perfeição e que ele sentia como se tivesse passado a vida inteira percorrendo um caminho que o levaria, inexoravelmente, até ela.

Era uma visão romântica, até mesmo poética, e Jeremy nunca tivera nenhuma tendência a pensamentos poéticos. Talvez essa fosse outra razão que o fizesse ter certeza de que ela era a mulher certa. Porque tinha sido ela a responsável por abrir seu coração e sua mente a novas sensações e ideias. Mas, fosse qual fosse o motivo, ali naquele táxi, ao lado de sua adorável futura esposa, ele se sentia feliz com todas as possibilidades que o futuro pudesse reservar aos dois.

Jeremy procurou a mão de Lexie.

Afinal, teria mesmo tanta importância o fato de ele abandonar sua casa em Nova York e adiar seus planos profissionais para se mudar para o meio do nada? Ou que ele estivesse para enfrentar um ano no qual teria de planejar uma festa de casamento, montar uma casa e formar uma família, preparando-se para a chegada de um bebê?

Seria assim tão difícil?

2

Ele a pediu em casamento no topo do edifício Empire State, no Dia dos Namorados.

Sabia que era um clichê, mas todas as propostas de casamento não o são? Afinal, não havia muitas maneiras de fazer aquilo. Ele poderia estar sentado, de pé, ajoelhado ou deitado. Poderiam estar comendo ou não, estar em casa ou em qualquer outro lugar, com ou sem velas, com ou sem vinho, ao amanhecer ou ao pôr do sol, ou em qualquer outra situação considerada romântica. Jeremy sabia que tudo isso já tinha sido feito por alguém, em algum lugar, em algum momento, portanto, não havia muito sentido em preocupar-se com a possibilidade de Lexie se sentir decepcionada. Ele também sabia, é claro, que alguns homens faziam coisas mais exóticas, como escrever no céu, em outdoors, esconder o anel de noivado para ser encontrado em uma romântica caça ao tesouro... Mas ele tinha certeza de que Lexie não era do tipo que exigia originalidade absoluta. Além disso, a vista de Manhattan era de tirar o fôlego e, desde que ele acertasse nas partes mais importantes – dizer à Lexie por que queria passar o resto da vida ao lado dela, mostrar o anel e fazer o pedido de casamento –, Jeremy acreditava que tudo daria certo.

De qualquer maneira aquilo não era nenhuma surpresa. Eles nunca tinham conversado especificamente sobre o assunto, mas a mudança de Jeremy para Boone Creek, além das inúmeras conversas das últimas semanas, todas repletas de frases em que o sujeito era sempre “nós”, não deixaram nenhuma dúvida de que o pedido estava para acontecer. Como quando ela dizia: “Nós precisamos comprar um berço para colocar ao lado de nossa cama.” Ou: “Nós precisamos visitar seus pais.” E porque Jeremy não contradisse nenhuma daquelas afirmações, a conclusão mais óbvia era de que Lexie já o tinha pedido em casamento.

Contudo, mesmo não tendo sido de todo inesperado, Lexie ficou claramente emocionada com o gesto de Jeremy. Sua primeira reação – depois, claro, de se jogar nos braços dele e de enchê-lo de beijos – foi ligar para Doris a fim de contar a novidade, uma conversa que durou vinte minutos. Embora não se sentisse incomodado de verdade, pensou que já devia ter esperado aquele comportamento. E sua calma aparente não revelava que o fato de ela ter aceitado passar o restante da vida ao lado dele o tinha deixado aflito e exaltado.

Quase uma semana havia passado. Ainda no táxi que os levava à casa de seus pais, Jeremy observou o anel no dedo de Lexie. Ficar noivo significava dar o *Próximo Grande Passo*, uma situação que a maioria dos homens, Jeremy inclusive, apreciava. Porque ele poderia fazer com Lexie coisas que passariam a ser proibidas a qualquer outro indivíduo no mundo. Como beijá-la. Se, por exemplo, ele a beijasse ali, no banco de trás do táxi, naquele exato instante, era mais que provável que ela não se ofendesse. Provavelmente, ficaria até feliz. *Experimente fazer isso com uma mulher estranha e veja até onde consegue chegar*, ele pensou. Essas reflexões fizeram Jeremy se sentir satisfeito e feliz com o passo que tinha dado.

Lexie, por outro lado, parecia nervosa enquanto olhava para fora, pela janela do carro.

– Algum problema? – perguntou Jeremy.

– E se eles não gostarem de mim?

– Eles vão adorar você. Por que não a adorariam? Além do mais, você e minha mãe não tiveram um almoço agradável? Não foi isso que você me disse? Que se deram muito bem?

– Eu sei – respondeu ela, mas sem soar muito convencida.

– Então, qual é o problema?

– E se eles acharem que estou levando o filho deles embora? E se sua mãe apenas quis ser gentil, mas, no fundo, estiver ressentida?

– Ela não está. E estou lhe pedindo que não se preocupe tanto assim. Em primeiro lugar, você não está me levando embora nem para longe deles. Estou deixando Nova York porque prefiro estar ao seu lado, e eles sabem disso. Acredite em mim: eles estão satisfeitos com o nosso casamento. Minha mãe insistia comigo para que eu me casasse outra vez havia anos.

Ela franziu os lábios e pareceu pensar no que ele dissera.

– Tudo bem. Mas, mesmo assim, ainda não quero que eles saibam que estou grávida.

– Por que não?

– Porque terão uma impressão errada sobre mim.

– Você sabe que eles vão acabar descobrindo.

– Eu sei, mas não precisa ser nesta noite, precisa? Deixe que, antes, eles me conheçam um pouco mais. E que tenham a chance de se acostumar com a ideia de que vamos nos casar. Isso já é novidade suficiente para uma noite. Depois lidaremos com o resto da surpresa.

– Claro, como você preferir. – Ele se recostou no banco. – Mas, só para você saber, mesmo que alguma coisa escape, não precisa se preocupar.

– Como alguma coisa poderia escapar? Não me diga que você já contou a eles? – perguntou ela, piscando, ansiosa.

Jeremy balançou a cabeça, negando.

– Não, claro que não. Mas talvez eu tenha mencionado o fato ao Alvin.

– Você contou ao Alvin? – O rosto de Lexie estava pálido.

– Desculpe-me. Saiu sem querer. Mas não se preocupe, ele não vai contar a ninguém.

Ela hesitou, mas acabou concordando.

– Está bem.

– Não vai acontecer de novo – prometeu Jeremy, segurando a mão de Lexie. – E não há nenhum motivo para você ficar nervosa.

Ela deu um sorriso forçado.

– Para você, é fácil falar.



Lexie se virou novamente para olhar pela janela. Como se já não bastasse todo o nervosismo que estava sentindo, agora teria de lidar com mais esse imprevisto. Será que guardar um segredo era assim tão difícil?

Ela sabia que Jeremy não tinha feito de propósito e que Alvin seria discreto. Mas a questão não era essa, e sim o fato de o noivo não entender que a reação da família dele a esse tipo de novidade era algo que eles não podiam prever. Lexie tinha certeza de que eram pessoas sensatas – a mãe dele parecia muito gentil – e duvidava de que fossem vê-la como uma mulher fácil, mas, mesmo assim, sabia que o casamento marcado com toda essa rapidez, por si só, já

causaria surpresa. Quanto a isso, Lexie não tinha nenhuma dúvida. Bastava que se pusesse no lugar deles: há seis semanas, ela e Jeremy ainda nem se conheciam, e agora, depois do maior dos vendavais, de uma louca reviravolta, eles estavam oficialmente noivos. Esse já era um choque grande o bastante.

Mas e se descobrissem que ela estava grávida?

Ah! Aí, sim, iriam *entender* tudo! Presumiriam que essa era a única razão de Jeremy estar se casando com ela e, em vez de acreditarem no filho quando ele dissesse que a amava, apenas balançariam a cabeça e comentariam: “Que bom!” Mas Lexie podia apostar que, assim que ela e Jeremy fossem embora, eles se juntariam, às pressas, para discutir a situação. Eram todos muito ligados, uma família à moda antiga, que se reunia com frequência, ao menos duas vezes por mês. Jeremy já não tinha mencionado isso? Ah, ela não era nenhuma moça ingênua! E sobre o que uma família conversa? Sobre a família, lógico! Alegrias, tragédias, decepções, sucessos... famílias unidas compartilham tudo. Por isso ela sabia muito bem o que iria acontecer se o noivo contasse além do que deveria: em vez de falarem do noivado, todos só falaria da gravidez. Nem que fosse para duvidar, às claras, de que Jeremy soubesse o que estava fazendo. Ou, pior, para questionar se tudo não seria uma armação de Lexie para prendê-lo.

Havia a possibilidade de que ela estivesse enganada, é claro. Podia ser que todos ficassem felicíssimos. Talvez achassem tudo natural, completamente aceitável. Talvez acreditassem que não havia nenhuma relação entre a gravidez e o noivado, até porque não havia mesmo. Talvez... ela devesse bater as asinhas e voar de volta para casa, isso, sim. Lexie não queria ter problemas com a família de seu futuro marido e, embora soubesse que às vezes esse tipo de conflito seria inevitável, não estava nem um pouco interessada em entrar com o pé esquerdo naquela relação familiar. E tinha mais: mesmo que não quisesse admitir, a verdade é que ela também não acreditaria, se estivesse no lugar deles. Se o casamento já é um passo muito importante para qualquer casal, imagine quando o homem e a mulher mal se conhecem...

Durante todo o almoço que fora marcado para que ela e a mãe de Jeremy se conhecessem um pouco mais, Lexie pôde sentir que era observada com cuidado, embora a futura sogra não a tivesse deixado constrangida. Essa seria a atitude que se poderia esperar de toda boa mãe, e então Lexie se comportou da melhor maneira possível e, no fim, ganhou um abraço e um beijo de despedida.

Aquele tinha sido um bom sinal, admitiu para si mesma. Ou um bom começo, ao menos. Levaria tempo até que a família a aceitasse de verdade e ela de fato se tornasse uma deles. Ao contrário das outras noras, Lexie não estaria por perto nos finais de semana e provavelmente ficaria em período de experiência até que o tempo demonstrasse que Jeremy não tinha cometido um erro. Isso deveria levar um ou dois anos, talvez mais, até. Ela imaginou a possibilidade de acelerar o processo com cartas e telefonemas regulares...

Tarefa urgente: comprar papel de carta, pensou.

Honestamente, Lexie precisava admitir que até ela estava um pouco assustada com a velocidade dos acontecimentos. Será que ele estava mesmo apaixonado por ela? E ela? Estava apaixonada por ele? Ao longo das duas últimas semanas, Lexie fizera essa pergunta a si mesma uma dezena de vezes ao dia, todo dia, e sempre obtinha as mesmas respostas. Então, sim, ela estava grávida, e, sim, o filho era de Jeremy, mas ela não teria concordado em se casar com ele se não acreditasse que seriam felizes juntos.

E eles seriam felizes. Não seriam?

Ela ficou imaginando se Jeremy também se questionava sobre como tudo estava acontecendo depressa demais. E logo concluiu que sim, que era bastante provável que isso acontecesse: afinal, era impossível não duvidar. Mas, comparado a ela, ele parecia muito mais relaxado, e Lexie se perguntou por que isso estava acontecendo. Será que era por que ele já fora casado? Ou, quem sabe, a explicação estivesse no fato de ter sido ele que tomara a iniciativa para a aproximação dos dois, naquela semana em Boone Creek, quando eles se conheceram? Qualquer que fosse a razão, porém, ele sempre parecia estar mais certo do relacionamento que ela, o que era muito curioso, vindo de um homem que se dizia cético.

Ela pousou o olhar sobre Jeremy, observando o cabelo escuro e as covinhas, e se sentiu feliz. Lembrou-se de tê-lo achado atraente assim que o viu, já no primeiro instante. O que foi mesmo que Doris tinha dito quando o conheceu? “Ele não é o que você pensa que é.”

Ora! Logo ela iria descobrir, não era mesmo?



Eles foram os últimos a chegar. Lexie ainda estava nervosa e, quando se aproximaram da porta, parou diante dos degraus.

– Eles vão adorar você. Acredite em mim – repetiu Jeremy, procurando tranquilizá-la.

– Fique sempre perto de mim, está bem?

– Onde mais eu ficaria?



Não foi tão ruim quanto Lexie temia. Na verdade, ela se sentiu bastante calma e segura, então, apesar de ter prometido permanecer ao lado dela, Jeremy pôde ir até a varanda dos fundos e ficou lá, apoiando o peso do corpo ora num pé, ora no outro, com os braços cruzados, tentando se proteger do ar frio, enquanto observava o pai cuidar do churrasco. O pai de Jeremy adorava fazer churrasco e o clima nunca fora um impedimento. Quando criança, Jeremy o viu tirar a neve da churrasqueira usando uma pá e desaparecer em meio à nevasca para reaparecer meia hora depois com uma travessa de carne nas mãos e uma camada de gelo no lugar das sobrancelhas.

Jeremy preferia ter ficado dentro de casa, mas sua mãe lhe pedira que fizesse companhia ao pai, para ter certeza de que tudo ficaria bem. Seu pai tinha sofrido um ataque cardíaco cerca de dois anos antes e, embora ele jurasse nunca sentir frio, a mãe ficava preocupada. Ela mesma teria feito o churrasco, mas as trinta e cinco pessoas espremidas na pequena casa de fachada de arenito faziam o lugar parecer um hospício. Havia quatro panelas no fogão, os irmãos de Jeremy tinham ocupado todos os lugares da sala e os sobrinhos e as sobrinhas eram constantemente expulsos do ambiente e mandados para o porão. Mas, ao observar pela janela, Jeremy verificou que a noiva continuava a se sair bem.

Noiva. Ele achou que havia algo estranho nessa palavra. Não que fosse esquisito ter uma noiva: o estranho era como a palavra soava quando pronunciada por suas várias cunhadas, que já a tinham repetido algumas centenas de vezes. Assim que eles puseram os pés na casa, e antes mesmo que Lexie tivesse tirado o casaco, Sophia e Anna vieram correndo na direção do casal, colocando a palavra *noiva* praticamente em cada frase que diziam.

– Já estava na hora de conhecermos sua *noiva*!

– E o que você e sua *noiva* têm feito?

– Você não acha que deveria pegar uma bebida para a sua *noiva*?

Os irmãos, ao contrário, se mostraram um pouco hesitantes e evitaram completamente a palavra.

– Então, você e Lexie, hein?

– A Lexie está gostando da viagem?

– Conte como você e Lexie se conheceram.

Jeremy imaginou que aquilo devia ser coisa de mulher, uma vez que, como os irmãos, ele mesmo ainda não tinha usado a palavra. Então se perguntou se conseguiria escrever uma coluna sobre esse fato intrigante, mas logo concluiu que o editor não iria aprová-la: alegaria não se tratar de assunto sério o suficiente para a *Scientific American*. Isso vindo de um sujeito que já devotou adoração a artigos sobre óvnis e sobre o Pé Grande. Embora tivesse concordado em deixá-lo escrever as colunas para a revista lá de Boone Creek, seu editor não deixaria saudades.

Jeremy esfregou as mãos, vendo o pai virar um dos bifés. Estava com o nariz e as orelhas vermelhos, por causa do frio.

– Filho, pegue para mim, por favor, uma travessa que sua mãe deixou ali no parapeito? As salsichas já estão quase prontas.

Jeremy pegou a travessa e voltou para o lado do pai.

– Você tem noção do frio terrível que está fazendo aqui, não tem?

– Este frio? Isto não é nada. Além disso, o carvão me esquentava.

O pai de Jeremy só gostava de fazer churrasco usando carvão.

Certa vez, em um Natal, Jeremy lhe comprou uma churrasqueira a gás. Mas o presente acabou empoeirado na garagem, até que seu irmão Tom finalmente perguntou se poderia ficar com ele.

O pai começou a empilhar as salsichas na travessa.

– Ainda não tive chance de conversar muito com ela, mas a Lexie parece ser uma ótima moça.

– Ela é mesmo, pai.

– Ah, que bom! Você merece. Eu nunca gostei muito da Maria mesmo. Desde o início, tive a sensação de que ela não era a pessoa certa.

– Você devia ter me dito isso.

– Que nada! Você não teria ouvido. Você sempre achava que sabia de tudo, lembra?

– O que a mamãe achou da Lexie? Ontem, no almoço.

– Sua mãe gostou dela. Achou que ela vai conseguir mantê-lo na linha.

– E isso é um elogio?

– Vindo de sua mãe? É o melhor elogio que você pode arrancar dela.

– E quanto a você? Tem algum conselho que queira me dar, pai? – perguntou Jeremy, sorrindo.

O pai colocou a travessa de lado antes de, finalmente, balançar a cabeça e responder:

– Não. Você não precisa de nenhum conselho. É um homem adulto, capaz de tomar as próprias decisões. E, além do mais, não existe muita coisa que eu possa lhe dizer. Sou casado há quase cinquenta anos e em alguns momentos ainda não tenho a mínima ideia do que sua mãe gosta.

– Saber disso é muito reconfortante, pai.

– Você se acostuma. – Ela pigarreou. – Mas talvez eu tenha uma coisa a lhe dizer, sim...

– E o que é?

– Na verdade, são duas coisas. A primeira: não leve para o lado pessoal se ela ficar irritada. Todos nos aborrecemos de vez em quando, então não deixe que isso o perturbe.

– E a segunda coisa?

– Telefone para a sua mãe. Sempre. Ela tem chorado todos os dias desde que soube que você vai se mudar. E não comece a falar com aquele sotaque do Sul. Sua mãe não lhe dirá nada, mas, em alguns momentos, ela sentiu dificuldade de entender o que a Lexie estava falando.

Jeremy riu.

– Está prometido, pai!



– Não foi assim tão ruim, foi? – perguntou Jeremy.

Horas mais tarde, os dois estavam a caminho do hotel Plaza. Como o apartamento de Jeremy estava todo desmontado, ele optou por esbanjar um pouco e decidiu que passariam em um hotel a última noite dos dois na cidade.

– Foi maravilhoso. Sua família é muito especial. Agora entendo por que você não queria se mudar daqui.

– Vou continuar a vê-los com alguma frequência, sempre que tiver de vir à sede da revista.

Ela balançou a cabeça, concordando. Lexie ia observando os arranha-céus e o trânsito, maravilhada com o tamanho e o movimento da cidade. Embora já tivesse vivido em Nova York, se esquecera da multidão de gente, da altura gigantesca dos edifícios, do barulho – tudo muito diferente da cidade em que eles iriam morar, um mundo completamente distinto. Toda a população de Boone Creek era menor que o número de pessoas de um único quarteirão daquela cidade.

– Você vai sentir saudades de Nova York?

Jeremy olhou pela janela antes de admitir:

– Um pouco. Mas tudo o que sempre quis está no Sul.

E, depois de uma última noite maravilhosa no Plaza, eles começariam a nova vida dos dois.